

# A TERRA QUE QUEREMOS

A Conferência sobre o Desenvolvimento Sustentável dificilmente apresentará grandes sucessos ou dramáticos fracassos. Mesmo sem o espetáculo festivo da Eco 92, é uma nova chance para reforçar uma postura definitiva, a do consumidor consciente que força empresas e governos a respeitar o ambiente

1972

**A foto de 7 de dezembro de 1972, feita pelos astronautas da Apollo 17, comoveu a sociedade ao revelar a fragilidade do planeta. Foi o prólogo, e um símbolo poético e brutalmente real, do movimento ambientalista, que mal saíra das fraldas.**

**A** Apollo 17 havia sido lançada de Cabo Canaveral, na Flórida, fazia cinco horas e seis minutos. Viajara 45 000 quilômetros a caminho da Lua. Um dos astronautas — supostamente Harrison Jack Schmitt, geólogo de formação — pegou a câmera de fabricação sueca Hasselblad acoplada a uma lente de 80 milímetros e começou a fazer as fotos. O sol nas costas do módulo lunar iluminava magistralmente o planeta azul. Aquela imagem de 7 de dezembro de 1972, com um ciclone em cima do Oceano

Índico visível no canto superior direito, fenômeno natural que provocara enchentes e devastação na véspera, foi recebida com comoção e logo adotada pelos ecologistas (assim se dizia, então) como símbolo de nossa fragilidade.

O ambientalismo mal havia nascido. Em junho daquele ano, Estocolmo tinha sediado a Primeira Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente, com a presença de apenas dois chefes de governo — o anfitrião sueco, o primeiro-ministro Olof Palme, e Indira Gandhi, da Índia. Foi quase um baile de debutante, o fim da adolescência de

uma ideia que apenas vinte anos depois, no Rio de Janeiro, durante a Eco 92, se encorpou a ponto de, a partir dali, levar o tema da ecologia — hoje se diz sustentabilidade — ao cotidiano das pessoas. À cúpula compareceram 108 chefes de estado e de governo, extraordinário avanço em relação a Estocolmo. Como sempre acontece em encontros dessa natureza, não houve nenhum grande sucesso, tampouco um estrondoso fracasso. Mas, desde então — apesar do aumento da concentração

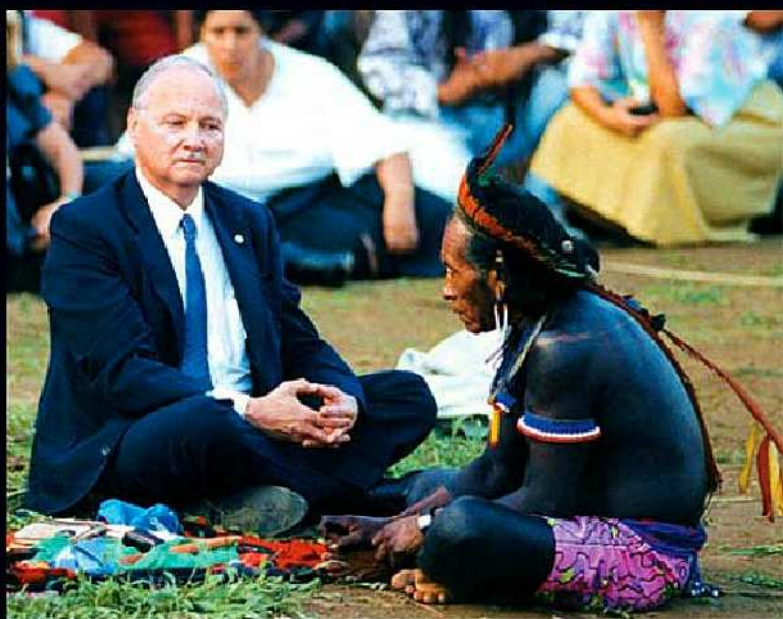




MASSA

Leia na edição de **VEJA** da próxima semana a segunda série de reportagens e artigos a respeito da Rio+20. Para tablets, haverá uma versão completa em inglês.

CEZAR LOUREIRO/AG. OCULOBO



# 1992

**O secretário-geral da cúpula realizada há duas décadas, Maurice Strong, no chão, com um pajé. Os índios deram cor, e a necessária dose de exotismo para exportação, a um evento que profissionalizou o ambientalismo — e foi uma festa.**

de gases que provocam o efeito estufa na atmosfera e da redução da biodiversidade —, brotaram fenômenos progressos, com a adesão maciça das empresas (elas, bem mais que os governos), ainda que muitas usem o verde como selo de publicidade e não de reais preocupações ambientais.

O embrião de 1972, tornado adulto em 1992, tem agora uma nova chance de mostrar vitalidade. A partir da quarta-feira 13, delegações do mundo inteiro (serão 50 000 participantes) come-

çam a chegar ao Rio de Janeiro para a Rio+20, a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável. Dá-se como certa, entre os dias 20 e 22, a presença de 110 chefes de estado e de governo — mas muito provavelmente sem Barack Obama. O tema central, ao redor do qual tudo se movimentará: a chamada economia verde, ou como o mundo capitalista fará para crescer, em meio a uma crise econômica global, sem engolir de vez os recursos da natureza a ponto de matá-los, deixando a conta pendurada para as futuras gerações.

Hoje, em comparação ao encontro de duas décadas atrás, há a pressão do consumidor, que já não admite comprar produtos de companhias que os fabriquem desrespeitando os limites da Terra, avessas aos cuidados de extração e produção, alheias ao controle de poluição e contaminação. É caminho sem volta. Em 28 páginas, **VEJA** apresenta uma série de reportagens e artigos que ajudam a fugir da retórica vazia, do dramatismo inútil e da exploração ideológica em torno dos problemas ambientais que, nas próximas semanas, ocuparão as discussões. ■



# COMO ESTAMOS VINTE ANOS

## A população mundial é cada vez mais urbana

O mundo atingiu a marca de 7 bilhões de pessoas no fim de 2011. Em vinte anos, passamos de 43% para 52,5% vivendo nas cidades

(em número de habitantes)

● População urbana

Fonte: UNDP



## O mapa das metrópoles

Quatro das sete maiores cidades do mundo hoje estão na Ásia (em milhões de habitantes)

Posição em 1993 ▶

Fonte: ONU





# DEPOIS

アクセスせよ: [www.geo](http://www.geo)



7 bilhões

52,5%

2011

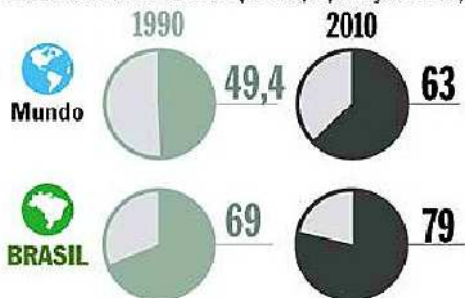
**TÓQUIO**

A capital japonesa se mantém no topo das metrópoles mais populosas

## A força da água limpa

As novas tecnologias e o empenho dos organismos públicos, associados aos interesses e boas práticas da iniciativa privada, ampliaram a rede de esgotos

■ Saneamento básico (% da população total)



Fontes: Unep e Unicef

## A espetacular expansão da China

A economia chinesa cresceu de modo exponencial em vinte anos e tem hoje o segundo maior PIB global, perdendo apenas para o dos Estados Unidos

| Posição |      | País       | PIB de 2010<br>(em trilhões de dólares) |
|---------|------|------------|-----------------------------------------|
| 1992    | 2010 |            |                                         |
| 1º      | 1º   | EUA        | 14,58                                   |
| 10º     | 2º   | China      | 5,92                                    |
| 2º      | 3º   | Japão      | 5,45                                    |
| 3º      | 4º   | Alemanha   | 3,28                                    |
| 4º      | 5º   | França     | 2,56                                    |
| 6º      | 6º   | Inglaterra | 2,26                                    |
| 11º     | 7º   | BRASIL     | 2,08                                    |
| 5º      | 8º   | Itália     | 2,06                                    |
| 18º     | 9º   | Índia      | 1,72                                    |
| 8º      | 10º  | Canadá     | 1,57                                    |

Fonte: Banco Mundial

## O IDH cresceu para a maioria dos países

O índice de desenvolvimento humano, que mede a qualidade de vida de um povo a partir de dados de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB per capita, subiu tanto para os desenvolvidos quanto para os Brics

|               | 1990  | 2011  |
|---------------|-------|-------|
| Noruega       | 0,844 | 0,943 |
| Austrália     | 0,873 | 0,929 |
| EUA           | 0,87  | 0,910 |
| Holanda       | 0,835 | 0,910 |
| Canadá        | 0,857 | 0,908 |
| Nova Zelândia | 0,828 | 0,908 |
| Rússia        | —     | 0,755 |
| BRASIL        | 0,6   | 0,718 |
| China         | 0,49  | 0,687 |
| Índia         | 0,41  | 0,547 |

Fonte: Unep



A população mundial ganhou 1,5 bilhão de pessoas, o consumo cresceu exponencialmente — mas ainda assim é possível dizer que melhoramos desde a primeira conferência

## As pessoas vivem mais

A mortalidade infantil caiu e a expectativa de vida subiu. No Brasil, o número de mortes entre bebês diminuiu em mais de 60%

■ Expectativa de vida ao nascer (em anos)



Fonte: Banco Mundial

■ Mortalidade infantil\*



\*Número de crianças que morrem antes de completar 1 ano de idade para cada grupo de 1 000 nascidas vivas

## Comemos mais e melhor

Apesar das imensas manchas de pobreza e desnutrição, a oferta de proteína animal aumentou cerca de 30% no mundo

■ Oferta de alimentos (quilocalorias diárias per capita)



Fonte: Unep



## A agricultura é mais eficiente

É preciso hoje menos área para produzir maior quantidade de alimentos. No Brasil, a produtividade dos cereais quase dobrou

|                                                                                            | ■ Cereais — Área colhida<br>(em milhões de hectares) |       |          | ■ Cereais — Produção<br>(em toneladas) |                |          |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|-------|----------|----------------------------------------|----------------|----------|
|                                                                                            | 1992                                                 | 2010  | Variação | 1992                                   | 2010           | Variação |
|  Mundo   | 709,2                                                | 682,5 | -3,8%    | 1,9<br>bilhão                          | 2,4<br>bilhões | 26%      |
|  BRASIL | 20,6                                                 | 18,7  | -9,2%    | 44<br>milhões                          | 76<br>milhões  | 72%      |

## ONDE ESTÃO OS GRANDES PROBLEMAS

A emissão de CO<sub>2</sub> cresceu muito nos últimos vinte anos\*

(em bilhões de toneladas, por fonte emissora, no mundo)



\*Emissão a partir de combustíveis fósseis

Fontes: Unep e CDIAC (Carbon Dioxide Information Analysis Center)

Os maiores emissores de gases do efeito estufa\*



\*Principalmente dióxido de carbono  
Fonte: IPCC 2007, dados de 2004



**O VIGOR DO AGRONEGÓCIO**  
Lavoura de soja em Correntina, na Bahia

AP/CHARLIE RIEDEL

## Um ritmo menor de desmatamento

Hoje, perdem-se menos matas virgens do que nos anos 90

■ Variação das florestas (em milhões de hectares por ano — 1 hectare corresponde a 10 000 metros quadrados, o que equivale a um campo de futebol)



ANTONIO GAUDRIO/FOLHA IMAGEM



**RIO DE DESTRUIÇÃO**  
Vista aérea de desmatamento ilegal na Amazônia, cena já incomum

## PÁSSAROS FERIDOS

*Pelicano coberto de petróleo que vazou da plataforma da British Petroleum, no Golfo do México, em 2010*

■ Emissões de CO<sub>2</sub> da frota brasileira de carros movidos a gasolina (em 1000 t/ano)



## A Terra perdeu 12% da sua biodiversidade

O caso mais grave é o das regiões de água doce em clima tropical: houve um declínio de 33% no número de espécies. Nas regiões temperadas, deu-se até uma pequena recuperação

■ Índice Planeta Vivo (variação 1992-2007)

|           | Terrestre | Água doce | Marinho | Total |
|-----------|-----------|-----------|---------|-------|
| TEMPERADO | 0%        | +15%      | +1%     | +5%   |
| TROPICAL  | -18%      | -33%      | -30%    | -27%  |

GLOBAL

-12%

Fonte: WWF/ZSL

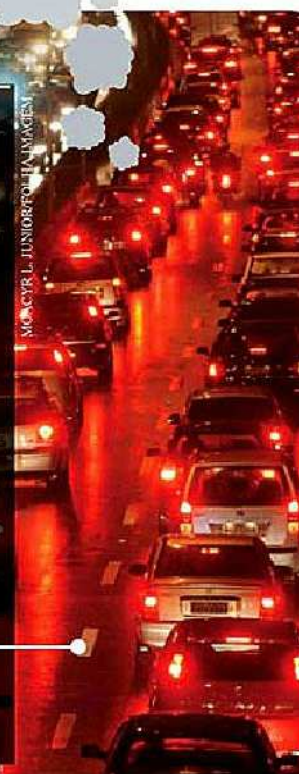
## A multiplicação de carros

O crescimento mundial da frota, atrelado à expansão da classe média, fez aumentar também a emissão de poluentes, apesar dos avanços tecnológicos (veja acima)

| ■ Número de veículos por 1 000 habitantes | 1990 | 2010 |
|-------------------------------------------|------|------|
| Estados Unidos                            | 752  | 814  |
| Itália                                    | 507  | 688  |
| Japão                                     | 456  | 592  |
| Alemanha                                  | 512  | 545  |
| Argentina                                 | 180  | 222  |
| <b>BRASIL</b>                             | 87   | 153  |

Fontes: AAM, Adefa, Anfac, Anfavea, Anfia, Ward's Communications e CCFA — Comité des Constructeurs Français d'Automobiles

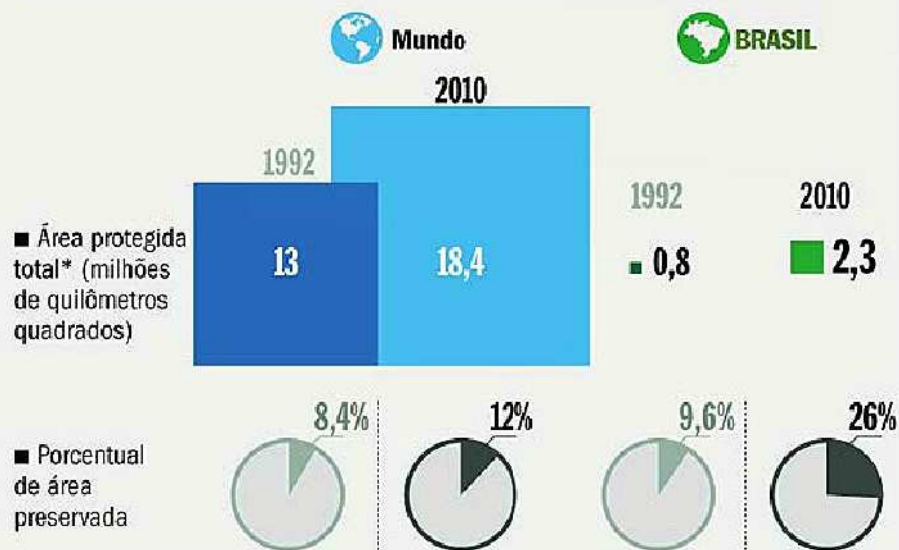
MOACY L. JUNIOR/FOLHA IMAGEM





## O Brasil quase triplicou a área de reservas

O país demonstrou resultados muito superiores aos da média global



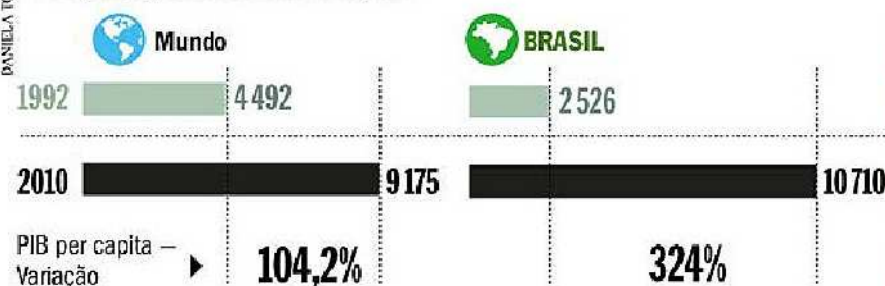
Fonte: Unep



## O inevitável paradoxo da riqueza

Vivemos melhor, atualmente, porque gastamos mais — ainda que muitos dos produtos sejam supérfluos. O nó: consumimos cada vez mais os recursos naturais, embora desde 1992 a humanidade tenha desenvolvido modos menos prejudiciais ao ambiente no processo de extração

■ PIB per capita em dólares da época



Fonte: Banco Mundial



\* Extração total de recursos é a soma de materiais retirados da natureza para sustentar as diversas atividades humanas. Entram nessa conta os combustíveis fósseis, metais, minérios para a indústria e construção e recursos da biomassa

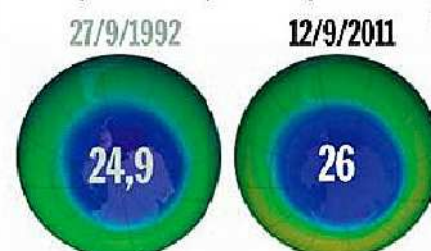
Fontes: Sustainable Europe Research Institute, Banco Mundial e IBGE

## O buraco da camada de ozônio já não preocupa

A falha na atmosfera, produzida pela ação do homem, aumenta muito lentamente. O problema deixou de ser dramático porque praticamente paramos de emitir as substâncias responsáveis por sua formação



■ Buraco de ozônio (área em milhões de quilômetros quadrados)



■ Consumo de substâncias destruidoras de ozônio (em toneladas)



Fontes: Unep e Nasa



**RIQUEZA PROFUNDA**  
Jazida de minério de ferro da Vale



# O ÚNICO CAMINHO É A CIVILIZAÇÃO

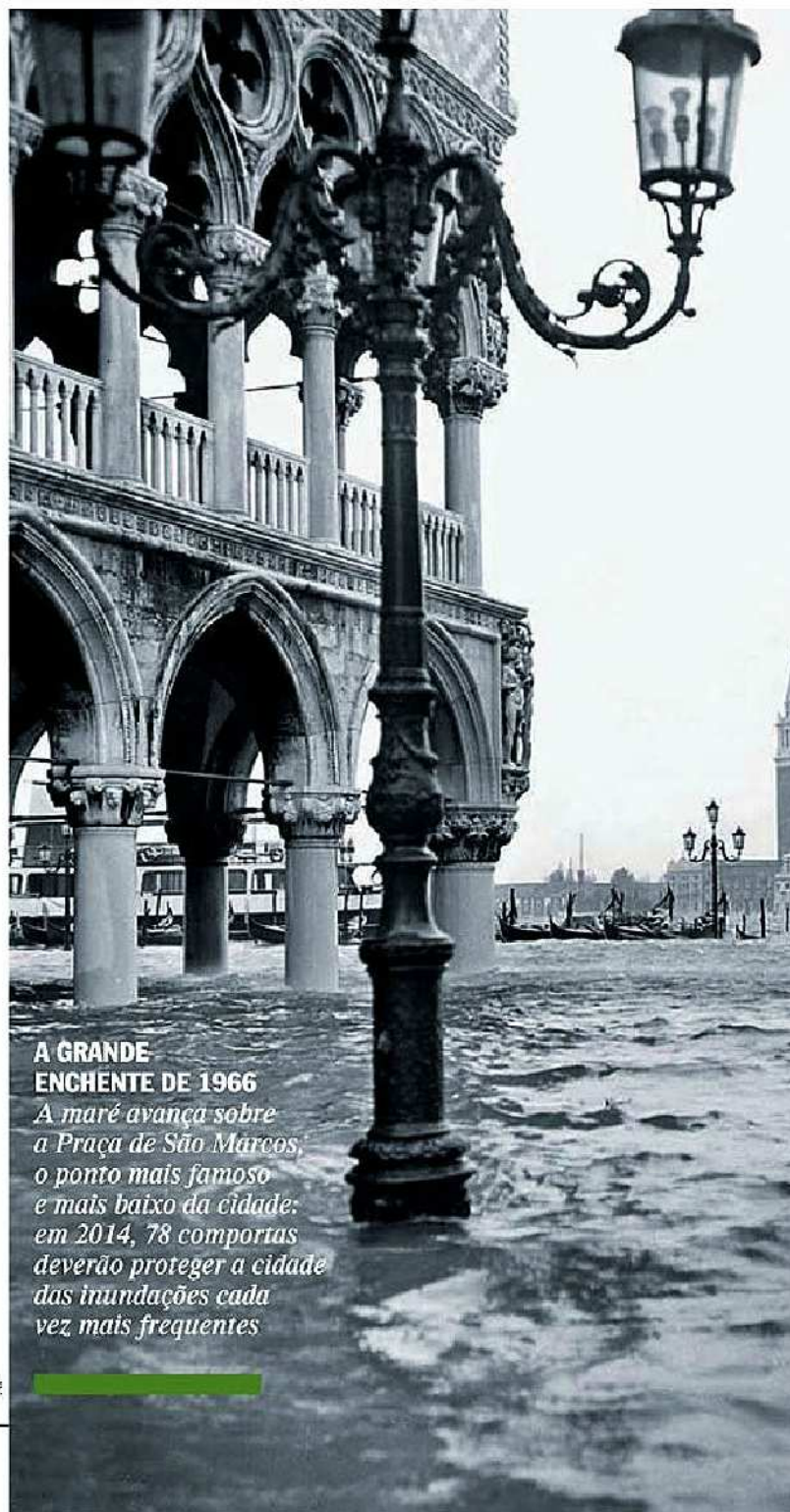
Se há alguma chance de escapar do impasse em que nos metemos, ela está em manter e acelerar os avanços tecnológicos. A salvação de Veneza por meio de comportas é uma boa metáfora para entender onde estão as soluções para os problemas ambientais

MICHAEL SHELLENBERGER E TED NORDHAUS

**E**m algum momento de 2014, a Itália vai terminar a construção de 78 comportas móveis criadas para proteger as três baías de Veneza do aumento das marés do Mar Adriático. As portas maciças — de 20 por 30 metros, com 5 metros de espessura — permanecerão deitadas no fundo arenoso na junção entre a laguna e o mar. Quando houver previsão de maré alta, as comportas serão esvaziadas e preenchidas de ar comprimido, erguendo-se nos gonços para manter o Mar Adriático fora da cidade. Três eclusas permitirão a entrada e a saída de navios da laguna quando as comportas estiverem levantadas.

Em nenhum outro lugar do mundo o ser humano teve de criar e recriar tão constantemente sua infraestrutura em resposta às mudanças ambientais quanto em Veneza. A ideia das comportas surgiu em 1966, depois da enchente que inundou a cidade por completo. Foram necessárias três décadas, de 1970 a 2002, para que o hidrólogo Roberto Frassetto e seus colegas convencessem as autoridades italianas a construí-las. Não são todos os especialistas que enxergam nas comportas oscilantes e flutuantes a salvação de Veneza. Depois de o projeto ser aprovado, o presidente do escritório italiano da WWF, o Fundo Mundial para a Natureza, declarou: “O destino da cidade agora depende de uma aposta tecnológica pretenciosa, cara e prejudicial ao ambiente”.

O esplendor de Veneza sempre dependeu, literalmente, de uma série de apostas tecnológicas pretenciosas, caras e prejudiciais ao ambiente. Suas construções são sustentadas por pilares feitos de lariços e carvalhos antigos arrancados de florestas do interior há 1 000 anos. Com o tempo, os pilares foram petrificados pela



## A GRANDE ENCHENTE DE 1966

*A maré avança sobre a Praça de São Marcos, o ponto mais famoso e mais baixo da cidade: em 2014, 78 comportas deverão proteger a cidade das inundações cada vez mais frequentes*



água salgada e construíram-se catedrais sobre eles. Pouco a pouco, a tecnologia ajudou a transformar a cidade de humildes pescadores no que conhecemos hoje.

Salvar Veneza significou criar Veneza não uma, mas muitas vezes desde a sua fundação. É por isso que resgatá-la do aumento do nível do mar serve como uma metáfora adequada para a solução dos enormes problemas ambientais deste século. Cada novo ato de salvação resultará em consequências não pretendidas, positivas e negativas, que, por sua vez, exigirão novas tentativas de salvar a cidade. O que chamamos de “sal-

var a Terra” exigirá, na verdade, criá-la e recriá-la inúmeras vezes enquanto a humanidade a habitar.

Atualmente, muitos ambientalistas enxergam a tecnologia como uma afronta à sacralidade da natureza, mas as tecnologias usadas até hoje pelo homem sempre foram perfeitamente naturais. Peles de animais, fogo, fazendas, moinhos de vento, usinas nucleares e painéis solares — todos esses avanços surgiram e foram criados a partir de materiais puros extraídos da Terra.

Além disso, no curso da história humana, as tecnologias não foram apenas inventadas pelo homem. Elas também ajudaram o homem a se inventar. Evidências arqueológicas recentes sugerem que a forma das mãos do homem moderno, com seus polegares e dedos mais curtos, permitiu um melhor manuseio das ferramentas. Mãos de macacos são ótimas para subir em árvores, mas não para lascar pedras ou confeccionar pontas de flechas. Os ancestrais do homem cujas mãos tinham esse formato mais adequado obtiveram uma vantagem evolutiva em relação aos outros.

A transformação das mãos e dos pulsos permitiu aos nossos antepassados andar cada vez mais eretos, caçar, comer carne e, assim, evoluir. Com a mudança na postura, o homem conseguiu correr atrás de animais atingidos por suas armas. A corrida de longa distância foi facilitada por glândulas sudoríparas que substituíram os pelos. O uso do fogo para cozinhar a carne adicionou uma quantidade muito maior de proteína à dieta, o que resultou em crescimento significativo do cérebro — tanto que algumas de nossas ancestrais começaram a dar à luz prematuramente. Esses bebês prematuros sobreviveram graças à criação de ferramentas feitas com vesículas e peles de animais que amarravam os recém-nascidos ao peito da mãe. A tecnologia, resumindo, nos tornou humanos.

É claro que, conforme nosso corpo, nosso cérebro e nossas ferramentas evoluíram, também evoluiu nossa habilidade de modificar radicalmente o ambiente. Caçamos mamutes e outras espécies até a extinção. Queimamos florestas e savanas inteiras para encontrar mais facilmente a caça e limpar a terra para a agricultura. E, muito antes de as emissões de CO<sub>2</sub> pela ação humana começarem a afetar o clima, já tínhamos alterado o albedo da Terra, substituindo muitas das florestas do planeta por áreas de agricultura cultivada. Mesmo que a capacidade do homem de alterar o ambiente, ao longo do último século, tenha aumentado substancialmente, essa tendência é antiga. A Terra de 100, 200 ou 300 anos atrás já havia sido profundamente moldada pelos esforços humanos.

Nada disso altera a realidade e os riscos das crises ecológicas resultantes da ação do homem. O aquecimento global, o desmatamento, a pesca excessiva e outras atividades, se não ameaçam a nossa própria existência, certamente representam a possibilidade de sofrimento para milhares de milhões, se não bilhões, de seres humanos. Tudo isso está transformando a natureza em um ritmo nunca visto em centenas de





milhões de anos. A diferença entre a nova crise ecológica e as depredações anteriores ao meio ambiente promovidas pelo homem e por seus ancestrais é em tamanho e escala, não na forma.

Há muito tempo os homens se tornaram co-criadores do ambiente que habitam. Qualquer proposta para resolver os problemas ambientais que menospreze a tecnologia e tente negar a coevolução entre homens e natureza, postura ainda em vigor, corre o risco de piorá-los. No entanto, as elites do Ocidente — que se apoiam fortemente na tecnologia — afirmam justamente que o desenvolvimento e a tecnologia são as causas dos problemas ecológicos, não a solução. Essas elites argumentam que o sacrifício econômico é a saída para a crise ambiental, mas vivem atualmente um período de riqueza e abundância jamais visto. Elas consomem recursos em escala imensa, esmagando qualquer medida de conservação que possam tomar, enquanto vivem em enclaves urbanos densos (e muitas vezes da moda), dirigindo automóveis econômicos e comprando produtos locais. De fato, as expressões mais visíveis e comuns da crença na salvação ecológica são as novas formas de consumo. A compra de produtos e de serviços verdes — como o Toyota Prius, a lavadora e secadora eficiente, o prédio de escritórios com certificação LEED — é identificada pelos consumidores como uma atitude que demonstra o seu status moral superior.

O mesmo se dá na esfera política. Líderes mundiais — para a alegria de um eleitorado de tendência esquerdista que controla o equilíbrio do poder político em muitas economias desenvolvidas — fazem promessas atrás de promessas sobre a mudança climática, a extinção de espécies, o desmatamento e a pobreza no mundo. Tudo enquanto cuidadosamente evitam qualquer ação que possa impor custos ou sacrifícios reais a seus eleitores. Mesmo que tenha sido conveniente para muitos observadores simpatizantes relacionar o fracasso de tais esforços à ganância corporativa, à corrupção e à covardia política, a verdade é que todo o projeto que poderíamos definir como pós-materialista é, de maneira confusa, construído sobre uma base de abundância e consumo material que seria consideravelmente ameaçada por qualquer tentativa séria de resolver as crises ecológicas por meio de uma redução substancial da atividade econômica.

Não é tão difícil entender como essa hipocrisia acabou por contaminar uma parcela da nossa cultura com intenções aparentemente tão boas. As grandes populações do norte desenvolvido alcançaram uma segurança econômica, uma riqueza e uma liberdade sem precedentes. O objetivo perseguido pela humanidade por milhares de anos — a emancipação da natureza, do tribalismo, da escravidão e da pobreza — foi substituído hoje pela

**“As elites afirmam que o sacrifício econômico é a única saída para a crise ambiental, mas usufruem um período de riqueza jamais visto. Consomem recursos em uma escala imensa, esmagando qualquer medida de conservação”**

necessidade de lidar com as consequências da modernização, como a poluição, a proliferação nuclear e o aquecimento global.

Cada vez mais incrédulas em relação à meritocracia do capitalismo e ao critério econômico como padrões implícitos do sucesso individual e como o indicador que define o progresso da sociedade, as gerações posteriores à II Guerra Mundial redefiniram as noções de bem-estar e qualidade de vida nas sociedades desenvolvidas. O humanitarismo e o ambientalismo tornaram-se os movimentos sociais dominantes, levando a proteção ambiental, a preservação da qualidade de vida e outras questões da “política de vida”, termo cunhado pelo sociólogo britânico Anthony Giddens, para o primeiro plano.

A ascensão da economia do conhecimento — que engloba a medicina, o direito, as finanças, a imprensa, o mercado imobiliário, o marketing e o terceiro setor — acelerou ainda mais o desencanto crescente do Ocidente com a vida moderna, especialmente entre a elite educada. Os trabalhadores do conhecimento estão mais alienados em relação ao produto de seu trabalho do que qualquer outra classe na história, incapazes de reivindicar algum papel na produção de comida, abrigo ou até de artigos básicos de consumo. Mesmo assim eles podem passar tempo em lugares lindos — em seus jardins, no interior, na praia e nas proximidades de florestas. Enquanto aproveitam essas paisagens, eles dizem a si mesmos que as melhores coisas na vida são de graça, apesar de terem gasto e consumido muito para viajar para lugares onde se sentem calmos, em paz e longe das preocupações do mundo moderno.

Esses valores pós-materialistas abriram espaço para a ascensão de uma ecoteologia secular em grande parte incipiente, com medos apocalípticos de um colapso ecológico, noções desencantadas de uma vida em um mundo arruinado e a convicção crescente de que algum tipo de sacrifício coletivo é necessário para evitar o fim do mundo. Ao lado dessa pregação sombria brilham visões nostálgicas de um futuro transcendente, em que os humanos poderiam, mais uma vez, viver em harmonia com a natureza por meio do retorno da agricultura em pequena escala ou até do estilo de vida dos caçadores-coletores.

As contradições entre o mundo como ele é — cheio de consequências não intencionais das nossas ações — e o mundo como muitos de nós gostaríamos que ele fosse resultam em uma quase rejeição da modernidade. Gestos ocultos são os sacramentos que definem essa ecoteologia. A crença de que devemos reduzir radicalmente nosso consumo para sobreviver enquanto civilização não é impedimento para as elites que pagam por universidades particulares, viagens frequentes de avião e iPads.





Divulgação

Assim, a ecoteologia, como todas as narrativas religiosas dominantes, atende às formas preponderantes de organização econômica e social nas quais está inserida. O catolicismo valorizava a pobreza, a hierarquia social e o agrarianismo para as massas nas sociedades feudais que viviam e trabalhavam na terra. O protestantismo defendia a industrialização, a acumulação de capital e a individualização em meio ao crescimento das classes mercantis do começo das sociedades capitalistas — o que definiu as normas sociais na modernização das sociedades industriais.

A ecoteologia secular de hoje dá valor à criatividade, à imaginação e ao tempo livre no lugar da ética, da produtividade e da eficiência do trabalho em sociedades que cada vez mais prosperam a partir de suas economias do conhecimento e terceirizam a produção de bens industriais, entregando-a às sociedades em desenvolvimento. Vivendo em meio a níveis sem precedentes de riqueza e segurança, as elites ecológicas rejeitam o crescimento econômico como uma medida do bem-estar, contam fábulas sobre a modernidade e a tecnologia e alertam sobre a superpopulação no exterior, agora que as sociedades em que vivem são ricas e sua população parou de crescer.

Embora a ecoteologia seja mais forte em nações desenvolvidas da Europa e em cidades costeiras como Nova York e Los Angeles, nos Estados Unidos, essa tendência também pode ser facilmente identificada nos bairros ricos e bem-educados do Rio de Janeiro, de Nova Délhi e da Cidade do Cabo.

#### A SALVAÇÃO PELO CONSUMO

*Novos produtos verdes, como o Toyota Prius (acima), a lavadora eficiente e os prédios sustentáveis, são considerados um meio de salvar o planeta: quem os consome acredita alcançar um status moral superior*

ecológicas, seja em São Paulo, seja em São Francisco, confirmam seu status no topo da hierarquia pós-industrial do conhecimento. As elites abastadas dos países desenvolvidos oferecem tanto a seus compatriotas menos favorecidos quanto aos pobres do resto do mundo uma extensa lista de “não façam” — não se desenvolvam como nós nos desenvolvemos, não dirijam utilitários bregas, não consumam demais. Isso gera o ressentimento, e não a emulação, de seus companheiros cidadãos no próprio país e no exterior. Que essas elites ecológicas se mantenham em um padrão diferente e ao mesmo tempo insistam que todos são iguais é mais uma demonstração de seu status superior, pois, dessa forma, elas não têm de responder nem mesmo à realidade.

Apesar de propor uma solução, a atual ecoteologia que nega o mundo é, na verdade, um obstáculo importante no tratamento dos problemas ecológicos criados pela modernização — obstáculo que deve ser substituído por uma nova visão de mundo criativa e que celebre a vida. Afinal, o desenvolvimento humano, a riqueza e a tecnologia nos libertaram da fome, da privação e da insegurança. Agora, eles devem ser considerados essenciais para superar os riscos ecológicos.

A ideia de que nações pobres podem ser levadas a escolher um caminho em direção ao desenvolvimento fundamentalmente diferente do que foi usado no Ocidente é ingênua. O Brasil está desenvolvendo o interior de suas florestas, como a Europa e os Estados Unidos fizeram, com represas, fazendas, ranchos e estradas para vender sua carne, soja e minerais no mercado externo. Seus



povos indígenas assinam contratos com madeireiras; seus seringueiros criam gado. A China é hoje uma produtora para o mundo graças à determinação confucionista, à industrialização e ao carvão barato — não a rodas-d'água, painéis solares e respeito à natureza. Nesse processo, a China tirou quase meio bilhão de camponeses da pobreza extrema. A Índia escolheu a modernização e a integração na economia global do conhecimento, em vez do caminho ascético e contemplativo defendido por Mahatma Gandhi.

Não há dúvida de que a humanidade está refazendo radicalmente a Terra, mas o temor de um apocalipse ecológico, de condenar esse mundo a uma destruição furiosa, não é sustentado pelas ciências. O aquecimento global pode desencadear desastres piores e a ruptura dos padrões de chuvas, degelo e agricultura, mas poucas evidências sugerem que ele acarretará o fim da modernização. Mesmo os cenários mais catastróficos do painel climático da Organização das Nações Unidas (ONU), o IPCC, preveem um aumento do crescimento econômico. Enquanto muitos ambientalistas ricos alegam estar especialmente preocupados com o impacto do aquecimento global sobre os pobres, é o desenvolvimento rápido, e não o retardado, que tem mais chance de proteger os pobres dos desastres naturais e de perdas na agricultura.

O que a modernização pode ameaçar de forma incisiva não é a civilização, mas a sobrevivência daquelas espécies e ambientes selvagens com os quais nos importamos. Embora o aquecimento global domine o discurso ecológico, as maiores ameaças ao que não é humano continuam a ser as alterações diretas na terra e nos mares. As maiores, mais antigas e mais diversificadas florestas do mundo estão sendo transformadas em plantações de árvores, áreas de cultivo e fazendas de gado. Os homens estão promovendo uma extinção de espécies maciça e sem precedentes com a destruição de habitats. Estamos prestes a perder os primatas. A pesca nos mares foi tão desmedida que a maior parte dos peixes grandes acabou.

A visão apocalíptica da ecoteologia adverte que a degradação da natureza vai prejudicar a base da civilização, mas a história mostrou o oposto: a degradação do meio ambiente nos enriqueceu. Tornamo-nos bastante adeptos da transferência da riqueza e da diversidade da natureza para os ambientes humanos. A solução dessas consequências não intencionais da modernidade é, e sempre foi, mais modernidade — assim como a solução das consequências não intencionais das nossas tecnologias sempre foi mais tecnologia. O bug do computador do ano 2000 foi resolvido com uma melhor programação do sistema, não com a volta das máquinas de escrever. A crise do buraco na camada de ozônio foi evitada não com

**“Do etanol da cana à soja do cerrado, a tecnologia destravou o crescimento econômico do Brasil. Essas inovações podem ser usadas para intensificar a agricultura, preservar florestas e desenvolver novas fontes de energia limpa”**

o fim do ar-condicionado, mas por meio de tecnologias mais avançadas e menos prejudiciais.

A questão para a humanidade, portanto, não é se os homens e a civilização vão sobreviver, mas sim qual o tipo de planeta que habitaremos. Gostaríamos de um planeta com primatas selvagens, florestas antigas, um oceano vivo e um aumento modesto da temperatura, em vez de um extremo? Claro que gostaríamos. Todo mundo gostaria. Somente a modernização contínua e a inovação tecnológica podem tornar isso possível.

Depositar fé na modernização exigirá uma visão de mundo na qual a tecnologia seja humana e sagrada, em vez de desumana e profana. Isso vai demandar a substituição da noção antiquada de que o desenvolvimento é antiético para a preservação da natureza pela concepção de que a modernização é a chave para salvá-la. Chamemos essa ideia de “teologia da modernização”.

Enquanto a ecoteologia imagina que nossos problemas ecológicos são consequência da violação humana da natureza, a teologia da modernização enxerga os problemas ambientais como uma parte inevitável da vida na Terra. Enquanto a última geração de ecologistas via uma harmonia natural na Criação, os novos ecologistas veem mudanças constantes. Enquanto os ecoteólogos sugerem que as consequências não intencionais do desenvolvimento humano podem ser evitadas, os patrocinadores da modernização enxergam essas consequências como inevitáveis, tanto de forma positiva como negativa. Enquanto as elites ecológicas veem os poderes da humanidade como inimigos da Criação, os modernistas os veem como ponto fulcral para sua salvação. A teologia da modernização deveria, portanto, louvar, e não profanar, as tecnologias que levaram nossos ancestrais a evoluir.

Os riscos que a humanidade enfrenta agora são, cada vez mais, fruto de nossa própria criação — e temos sobre eles um controle apenas parcial, improvisado e provisório. Vários tipos de libertação — do trabalho árduo na agricultura e altas taxas de mortalidade infantil à tuberculose e valores tradicionais opressivos — implicam novos problemas, desde o aquecimento global e a obesidade até a alienação e a depressão. Esses novos problemas serão, em grande escala, menos graves que os antigos. A obesidade é melhor do que a fome. Viver em um mundo mais quente é melhor do que habitar um mundo sem eletricidade. Mas os novos desafios não deixam de ser problemas sérios.

A boa notícia é que já existem muitas tecnologias nascentes e promissoras para superar os problemas ecológicos. Estabilizar a emissão de gases de efeito estufa exigirá uma nova geração de usinas nucleares para substituir de maneira barata as usinas de carvão e também, talvez, reti-





REUTERS/STRINGER

rar o dióxido de carbono da atmosfera e alimentar usinas de dessalinização para regar e fazer crescer florestas nos atuais desertos. Recuar as fronteiras agrícolas para longe das florestas exigirá um aumento maciço da produtividade agrícola através da engenharia genética. Substituir fazendas de gado que degradam o meio ambiente exigirá, quem sabe, produzir carne em laboratório — o que, gradualmente, será visto como menos repugnante do que os métodos cruéis da produção de carne hoje. A solução do problema da extinção de espécies envolverá a criação de novos habitats e organismos, possivelmente a partir do DNA de espécies extintas.

Na tentativa de resolver essas questões, inevitavelmente serão criados novos problemas. Uma objeção comum à tecnologia e ao desenvolvimento é que eles trarão consequências não intencionais. Mas a vida na Terra sempre foi uma história de consequências não intencionais. As comportas de Veneza representam um exemplo vívido. A preocupação dos ambientalistas de que as comportas teriam grande impacto na vida marinha foi confirmada — mas não da maneira que se temia. Apesar de as comportas ainda estarem em construção, biólogos marinhos anunciaram que elas já abrigam muitas espécies de corais e peixes, algumas das quais existentes apenas no sul do Mediterrâneo e no Mar Vermelho.

Outros críticos das comportas questionaram o que aconteceria caso o aquecimento global aumentasse o nível do mar a uma altura maior que a das comportas. Se isso se tornar inevitável, é improvável que os venezianos abandonem sua cida-

## O MOTOR CHINÊS

*A China se tornou uma potência capitalista e tirou quase meio bilhão de camponeses da pobreza extrema graças à queima excessiva do carvão barato, e não a rodas-d'água, painéis solares e respeito à natureza*

desmatamento, a poluição e as dificuldades associadas às migrações rurais-urbanas. Agora, as capacidades tecnológicas do Brasil podem ser usadas para intensificar a agricultura, preservar florestas antigas ecologicamente valiosas, ajudar nações pobres a se adaptar a um mundo mais quente e desenvolver fontes mais limpas de energia.

O antropólogo francês Bruno Latour tem alguns pensamentos interessantes sobre o assunto. De acordo com Latour, o *Frankenstein* de Mary Shelley não é uma fábula contra a arrogância, mas sim contra o medo irracional da imperfeição. O Dr. Frankenstein é um anti-herói não porque ele criou a vida, mas porque fugiu aterrorizado ao confundir sua criação com um monstro — uma profecia que causa sua própria realização. A moral da história, no que diz respeito à salvação do planeta, é que devemos tratar nossas criações tecnológicas da mesma maneira que trataríamos nossos filhos, com amor e carinho, para que o nosso abandono não as transforme em monstros. Escreve Latour: “O pecado não é desejar ter domínio sobre a natureza, mas acreditar que esse domínio significa emancipação e não o estabelecimento de laços”. Em outras palavras, o termo “arrogância ecológica” não deve ser usado para descrever o desejo humano de refazer o mundo, mas sim a fé em que podemos pôr fim ao ciclo de criação e destruição. ■

Este texto foi escrito pelos antropólogos americanos Michael Shellenberger e Ted Nordhaus especialmente para VEJA. Eles são autores de um texto clássico no avesso do lugar-comum: *A Morte do Ambientalismo*, de 2004. Hoje lideram um instituto — o Breakthrough — cujo objetivo é pôr o dedo em feridas até hoje intocáveis



# UM DOGMA COMEÇA A DERRETER

Defensores da tese de que o aquecimento global é culpa do homem e resultará na destruição do planeta ainda neste século mudam de opinião e engrossam o grupo dos céticos sobre as previsões apocalípticas do painel climático da ONU

NATHÁLIA BUTTI

**F**oi como se toda a cobertura do Ártico, o equivalente a quase o dobro da área do Brasil, desabasse, derretida, sobre a tese de que o homem é o grande vilão do aquecimento global. Em uma entrevista ao site da rede de TV americana NBC, no fim de abril, o ambientalista inglês James Lovelock, de 92 anos, ainda lúcido, afirmou ter sido alarmista em suas considerações sobre as mudanças no clima. “Foi uma tolice de minha parte”, reiterou Lovelock a VEJA (leia a entrevista na pág. 113). “O ser humano não é mais culpado do que as árvores no que diz respeito ao aumento das temperaturas.” Nem o Climagate, o escândalo sobre a manipulação de dados nos relatórios do IPCC, o painel climático da ONU, foi um golpe tão duro para os defensores da ideia de que a humanidade vive uma emergência planetária iminente, resultado da emissão excessiva de CO<sub>2</sub> na atmosfera, quanto as palavras de Lovelock. Autor da Hipótese Gaia, segundo a qual a Terra é um superorganismo que se autorregula e, cedo ou tarde, reagiria às agressões devastadoras do homem à natureza, Lovelock é um decano do ativismo ambiental moderno. Eleito um dos heróis do meio ambiente pela revista *Time*, em 2007, ele se tomou, ao lado do ex-vice-

presidente americano Al Gore, um dos mais inflamados profetas do fim dos tempos na década passada. Até mudar de ideia, Lovelock reverberava previsões aterradoras sobre o futuro do planeta. Em uma delas, ele afirmava que 80% da população mundial seria dizimada por catástrofes até 2100. Os 20% restantes viveriam no Ártico, com pouca água e comida. O revisionismo de Lovelock é ainda mais ruidoso porque grassa o senso comum do fim do mundo atrelado ao aquecimento. No evento Green Nation Fest, que aconteceu de 31 de maio a 7 de junho, no Rio de Janeiro, antessala da Rio+20, os visitantes foram levados a experimentar as sensações de habitar um planeta afetado pelo degelo, pelas queimadas e pelas inundações. Tal qual um parque de diversões ao avesso, a simulação fez muito sucesso. E, no entanto, a realidade é outra, menos tristemente espetacular.

Lovelock não foi o único cientista de renome a protagonizar uma mudança de prumo recentemente. Em setembro do ano passado, o físico norueguês Ivar Giaever, laureado com o Nobel em sua área, em 1973, deixou a Sociedade Americana de Física (APS) por discordar da postura da instituição em relação ao tema. Disse Giaever, na ocasião: “A APS aceita discutir se ocorrem alterações na massa de um próton ou os múltiplos universos, mas a

EVEREST

A mítica cadeia montanhosa em foto de setembro de 2007: gelo à vontade





### O ÁRTICO DE MENTIRINHA

*Estudantes em uma das instalações do Green Nation Fest, no Rio, na semana passada. A simulação espetacular do degelo atraiu muito interesse — mas, felizmente, o descongelamento é evento que exige constante confirmação na realidade, menos dramática*

## A FRAUDE DO HIMALAIA

O vazamento de e-mails entre membros do IPCC revelou que algumas previsões não passam de especulação. O exemplo mais notório trata das geleiras do Himalaia

*Em um mesmo parágrafo do relatório de 2007, havia informações divergentes*

► “Em 2035, os glaciares do Himalaia **vão desaparecer**”

► “Os glaciares do Himalaia **não vão desaparecer**, mas encolher de 500 000 para 100 000 quilômetros quadrados

### A SITUAÇÃO REAL

A cobertura de neve do Himalaia permaneceu constante na última década



evidência do aquecimento global é indiscutível? Esse assunto está se tornando uma religião. Sou um descrente”. Com a declaração, Gíaeveer passou a fazer parte de um grupo de estudiosos, agora engrossado por Lovelock, que questionam a ação humana no aumento das temperaturas e desconfiam do armagedon. São os céticos do aquecimento. Esses dissidentes, ressalte-se, não negam o fato de que o planeta está mais quente — quase todos os cientistas hoje concordam que a temperatura média da Terra subiu 0,8 grau no século passado. A divergência recai sobre as causas da oscilação.

Para os céticos, as alterações não se devem à queima excessiva de carvão e petróleo, mas a um ciclo natural de aquecimento e resfriamento da Terra. O planeta teria passado por pelo menos quatro outros períodos de aquecimento semelhantes nos últimos 650 000 anos, muito antes da Revolução Industrial, no século XIX. “Forças mais poderosas do que a ação humana influenciam o clima,

como a radiação solar e a oscilação na temperatura dos oceanos”, diz o geógrafo Gustavo Baptista, do Instituto de Geociências da Universidade de Brasília. “É presunção achar que os homens têm mais influência no clima do que as atividades que moveram placas tectônicas.”

A negação de uma versão radical de aquecimento global não é postura exatamente nova. Em 1990, quando o IPCC divulgou seu primeiro relatório, alguns cientistas já expunham opiniões contrárias às considerações da ONU. Erros nos relatórios, previsões não concretizadas e a revelação de fraudes em pesquisas fomentaram o aumento no grupo de negadores. O fato que mais abalou a hipótese do fim do mundo do IPCC, afirma a turma do contra, foi a estabilização das temperaturas nos últimos dez anos, o que contraria todos os relatórios do grupo. No vazamento de e-mails do Climagate, em 2009, o cientista do IPCC Kevin Trenberth mostrou-se aflito. Escreveu Trenberth: “Não podemos explicar a falta de aquecimen-

to no momento. Isso é uma farsa que não podemos manter”. Os céticos sugerem que as falhas no cálculo das temperaturas revelam a fragilidade dos modelos computacionais usados pela ONU. Segundo eles, os modelos do IPCC exacerbam os efeitos do CO<sub>2</sub>, ignoram outras variáveis e resultam numa falsa previsão de aquecimento.

É difícil dizer quem está certo — os céticos ou os radicais — no impasse do aquecimento global. Ambos os lados dispõem de evidências para justificar suas teses. Os relatórios do IPCC são elaborados por 3 000 cientistas de diversos países e constituem o maior conjunto de informações disponível sobre os fenômenos do clima. Os céticos se baseiam em registros geológicos e paleontológicos que mostram a ocorrência de alterações semelhantes no clima há centenas de milhares de anos.

A discussão, em si, não é um problema. Dos debates nascem as melhores soluções para uma questão. O perigo está no dogmatismo e na polariza-

## O EMBATE CIENTÍFICO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

O que pensam os crédulos (liderados pelos cientistas que compõem o painel climático da ONU, o IPCC) e os céticos



### AÇÃO HUMANA



### TEMPERATURA



### NÍVEL DOS MARES

IPCC

O aumento da temperatura média do planeta deve-se à ação do homem. A elevação está relacionada à emissão do CO<sub>2</sub> produzido pela queima de combustíveis fósseis.

Até o fim deste século, a temperatura média da Terra deve aumentar entre 1,8 e 4 graus. Isso acarretará enchentes, secas crônicas e incêndios florestais em diversas regiões do planeta. Geleiras desaparecerão e o nível dos oceanos vai aumentar.

O nível dos oceanos deve subir em média 38 centímetros, chegando a 59 centímetros no pior cenário, até o fim do século, o que provocará inundações em série e destruirá ilhas e cidades costeiras.

CÉTICOS

O principal responsável pelo efeito estufa é o vapor d'água, e não o CO<sub>2</sub>. As pesquisas da ONU superestimam a ação do CO<sub>2</sub> e ignoram as variações naturais do clima.

As medições dos registros de temperatura indicam que as oscilações ocorridas nos séculos XX e XXI não foram excepcionais e que já houve períodos mais quentes do que agora. Não há metodologia capaz de prever o ritmo de aquecimento da Terra.

Não há um aumento incomum no nível dos mares. A elevação constatada recentemente está dentro da oscilação característica que ocorre desde o fim da última glaciação, há 12 000 anos.



ção exagerada. “Mentalidades doutrinárias produzem soluções irrealistas e impedem que se chegue a um meio-termo inteligente”, disse a VEJA o cientista político dinamarquês Bjorn Lomborg, um dos mais notórios céticos. Para o climatologista americano Richard Lindzen, o risco é a politização. Diz Lindzen: “Quando uma questão se torna parte do programa político, a posição politicamente aceitável passa a ser o objetivo e não a consequência da pesquisa científica”. É possível que todas as ponderações dos céticos — e dos cientistas que reviram suas posições a respeito do aquecimento global recentemente — se mostrem equivocadas com o passar dos anos. Não existem certezas absolutas na ciência. No entanto, não há como negar a contribuição do ceticismo para a elucidação da questão climática. Como disse o biólogo inglês Thomas Huxley, um dos pais do pensamento científico moderno, o ceticismo é um dos maiores deveres. A fé cega é um pecado imperdoável. ■

## TICAS

sobre o aquecimento global



ILUSTRAÇÕES SANDRO CASTELLI

### GELEIRAS

A massa glacial do planeta vem se reduzindo progressivamente. O derretimento do gelo afetará a disponibilidade de água doce, aumentará o nível do mar e interromperá o ciclo de vida de animais e plantas.

É impossível afirmar se a diminuição das geleiras no planeta é significativa. Elas estão sempre se expandindo e contraindo, sistematicamente, em um balé inexorável da natureza.

## “Foi uma tolice de minha parte”

**D**ecano do ativismo ambiental moderno, o ambientalista inglês **James Lovelock**, de 92 anos, converteu-se em um dos mais radicais arautos do fim do mundo ao anunciar, no livro *A Vingança de Gaia*, de 2006, a ocorrência iminente de catástrofes naturais resultantes do aquecimento global. Prestes a lançar um novo livro sobre mudanças climáticas, o último da trilogia que inclui *A Vingança de Gaia* e *Gaia: o Alerta Final*, Lovelock declarou ter exagerado em seus presságios.

**O senhor previu que, no fim deste século, 80% da população mundial seria dizimada por furacões e inundações. O que o senhor pensa hoje?** Essa previsão sobre 2100 foi uma tolice de minha parte. Minha conclusão surgiu das primeiras estimativas do IPCC. O problema é que na ocasião, há duas décadas, nós, cientistas, acreditávamos ter um conhecimento acurado do que estava acontecendo com o clima. Estávamos equivocados. Não apenas desconhecemos o que está ocorrendo hoje em relação às mudanças climáticas, como também não temos ideia do que será do clima daqui a noventa anos. Nem sequer temos como prever de que forma os seres humanos vão reagir às possíveis consequências de um aumento das temperaturas. Se a maior parte da população mundial se mudar para as cidades, como parece estar

acontecendo, então será muito mais fácil e menos custoso esfriar as cidades, e não o planeta.

**O senhor ainda acredita que o homem é o vilão do aquecimento global hoje?** Não há vilão algum no aquecimento global. Os humanos não são mais culpados por colocar CO<sub>2</sub> no ar do que as árvores por produzir oxigênio.

**O aquecimento global está ocorrendo em velocidade aquém da esperada. Por quê?** O aquecimento global é um assunto que precisa ser atualizado frequentemente e com exatidão. As projeções feitas no começo deste século tendem a ser superestimadas. Minha preocupação maior, no entanto, é a incerteza sobre o ritmo do aumento das temperaturas. É sensato presumir que serão mais altas, mas não quão mais altas serão. Os políticos estão assumindo que as projeções sobre o futuro do clima são tão precisas quanto o horário de chegada dos ônibus ingleses.

**Sua nova percepção do aquecimento global afeta de alguma forma sua Hipótese Gaia?**

Ser menos alarmista em relação ao aquecimento global não muda em nada minha ideia central. Gaia é um sistema fisiológico dinâmico que mantém nosso planeta apto para a vida há 3 bilhões de anos. A minha teoria de Gaia está muito bem estabelecida, só ainda não houve tempo de incorporá-la nos grandes modelos climáticos.

**MUDANÇA DE PRUMO**  
Lovelock: “O clima não é tão preciso quanto o horário dos ônibus ingleses”



JACQUES DEMARTHO/AF/P



# OS PONTEIROS DO RELÓGIO ESTÃO ANDANDO

Empresas, investidores e ativistas não podem, sozinhos, fazer com que mudemos nossos costumes. Não têm como avaliar o quadro geral ou dar uma guinada nos propósitos comuns. Precisamos de vontade política para isso

GRO HARLEM BRUNTLAND

O desenvolvimento sustentável, uma ideia que ajudei a lançar no palco global no Rio de Janeiro vinte anos atrás, ocupa agora um lugar central no modo como milhões de pessoas pensam. Os objetivos ligados a esse conceito têm amplo apoio da sociedade civil em todo o mundo — e em muitos governos. Empresas privadas e parcerias público-privadas desempenham frequentemente um papel pioneiro na tradução de seus ideais em soluções práticas que ajudam a melhorar a qualidade de vida para todos.

Além disso, há um reconhecimento crescente do papel fundamental das mulheres — e de que simplesmente não há esperança de adotar um caminho sustentável sem fortalecê-las. Fontes de energia limpa e sustentável, como o programa do etanol da cana-de-açúcar do Brasil, estão levando a agenda ambiental para um novo patamar. Apesar dos empecilhos, assistimos a uma disseminação de governos democráticos ao redor do mundo — e cada eleição é uma oportunidade para instalar de forma mais firme o desenvolvimento sustentável no centro do governo e, com isso, incluí-lo nas políticas públicas.

De muitas maneiras, a ideia do desenvolvimento sustentável está se tornando uma realidade. As pessoas possuem um senso elevado de responsabilidade compartilhada — sabem que vão se beneficiar e, por sua vez, ajudar a melhorar a vida de muitos. Mas sabem também que não podem ficar caladas, que precisam tomar o futuro em suas próprias mãos. Entendem, enfim, o valor único dessa postura e a oportunidade que ela representa — não



DIVULGAÇÃO



PARAFI/NEWSAM/1AP

## AGONIA AFRICANA

*Crianças somalis aguardam, em fila, por um prato de comida: a degradação do ambiente está diretamente relacionada à pobreza endêmica*

como um luxo, mas como uma necessidade. Em resumo, fico animada ao ver o conceito do desenvolvimento sustentável resistir ao teste do tempo.

Além disso, estamos começando a entender suas aplicações diárias com mais detalhes. Há universidades e centros de pesquisa em todo o mundo onde jovens estudam aspectos minuciosos do desenvolvimento sustentável. Esse enfoque antes seria impensável. Houve um grande aumento na educação, no conhecimento, na coleta científica de evidências, tanto local quanto globalmente — tudo em benefício daquela ideia que revelamos duas décadas atrás.

Mas, com nossa compreensão melhorada, também conhecemos agora a enormidade do desafio. E conhecemos o dramático custo humano, ambiental e social de não cumpri-lo. Não se enganem. Os ponteiros do relógio estão andando. Sete bilhões de pessoas hoje coexistem em nosso frágil planeta, muitas perigosamente necessitadas de alimento, de água e de segurança econômica e física básicas. Esse número continuará aumentando e chegará a 10 bilhões até 2050, segundo previsões das Nações Unidas. A degradação do ecossistema está estreitamente relacionada à pobreza endêmica: infelizmente para milhões de pessoas, a luta diária por comida, combustível e sustento está prejudicando diretamente os sistemas naturais dos quais elas dependem e comprometendo



sua segurança a longo prazo. Os brasileiros que vivem à margem da sociedade, seja na Amazônia, seja no sertão, conhecem bem esses desafios.

A mudança climática é um problema que ameaça exacerbar todos esses outros desafios: tornará as pessoas em toda parte — mas principalmente os pobres do mundo — mais vulneráveis à escassez de alimentos e de água, a pandemias e a eventos meteorológicos extremos. Isso vai danificar ainda mais ecossistemas vitais que já estão gravemente enfraquecidos pela poluição e pela exploração humana.

Listei alguns motivos para otimismo no início deste artigo — mas empresas, investidores e ativistas não podem, sozinhos, fazer com que mudemos nossos costumes. Não têm como avaliar o quadro geral ou dar uma guinada nos propósitos comuns. Precisamos de vontade política para isso, precisamos de governos que conduzam o progresso na direção certa, e precisamos que esses governos trabalhem melhor juntos dentro das instituições globais, principalmente das Nações Unidas. O controle de todos os componentes inter-relacionados do desenvolvimento sustentável necessita de instituições com maior poder de decisão do que as que existem atualmente. Em últi-

**“Em universidades e centros de pesquisa de todo o mundo jovens estudam aspectos minuciosos do desenvolvimento sustentável. Esse enfoque antes seria impensável. Houve um grande aumento na educação, no conhecimento e na coleta científica de evidências”**

ma análise, porém, cabe a nós, como indivíduos, manter essa vontade política em movimento.

E, ao trilharmos esse caminho, devemos estar sempre atentos às armadilhas: falsos ambientalistas, negadores da mudança climática ligados a lobbies poderosos e uma miríade de outras forças que não querem a mudança. Os governos têm de enxergar através da cortina de fumaça — e é por isso que o mundo precisa dar novos passos em direção ao estabelecimento de políticas de desenvolvimento sustentável.

Esse é o desafio da Rio+20, mas a oportunidade está aí, com a “economia verde” e as estruturas institucionais no topo da agenda. A resposta está com os líderes que participarão da conferência, desde que adotem medidas corajosas para definir as Metas do Desenvolvimento Sustentável na sequência das Metas do Desenvolvimento do Milênio, estabelecidas nas duas últimas décadas, levando a resultados dos quais nós, e as futuras gerações, poderíamos nos orgulhar. ■

Gro Harlem Brundtland, médica, membro da organização The Elders, foi primeira-ministra da Noruega. Presidiu, nos anos 80, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento — conhecida como Comissão Brundtland —, que enunciou o princípio do desenvolvimento sustentável pela primeira vez

**Seja qual for o tamanho da sua empresa, a Localiza vai com você.**

Alugue um ou mais carros para o que precisar, pelo tempo que quiser. E conte com a força da maior rede de aluguel de carros da América Latina para crescer com economia e flexibilidade.

**A Localiza tem a solução de que sua empresa precisa.**

Ligue e comprove: 0800 707 1250  
[www.localiza.com/empresa](http://www.localiza.com/empresa)

**Localiza**Empresa

